

LECTURE ET MÉMOIRE: PROJECT DE RECHERCHE

Silvânia SIEBERT

Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL

Nesse texto que dá título a esse painel, Pêcheux afirma, inicialmente, que:

"no quadro das reflexões sobre a circulação metafórica entre as figuras do organismo e da sociedade¹, é possível adiantar uma hipótese alternativa, colocando em jogo o status social da memória como condição de seu funcionamento discursivo, na produção e interpretação da malha de traços gráficos e fônicos." (MALDIDIER, 1990, p.286)

Para desenvolver a idéia do tratamento da informação e da produção da interpretação, Pêcheux menciona a divisão dos discursos em dois universos:

- os estabilizados, onde a posição do sujeito não interfere na interpretação, como os discursos das ciências da natureza, das tecnologias e dos sistemas administrativos;
- e os não estabilizados, onde a posição do sujeito interfere na interpretação, como os discursos do cotidiano, o estético e o sócio-histórico.

Os universos estabilizados, conforme Pêcheux,

"constituem o espaço privilegiado da aplicação das teorias psicológicas do sujeito epistêmico. Isto compreende-se facilmente: a manipulação dos objetos lógico-matemáticos, a utilização de conceitos científicos ou tecnológicos em uma situação <<operatória>> pressupõe um claustro metalingüístico da situação de interpretação, na qual o sujeito é suposto agir no meio de

¹ Cf. Judith E. Schlanger, *Les Métaphores de l'organisme*, Vrin, 1971, e sobretudo o conjunto de trabalhos de G. Canguilhem.

estratégias cognitivas, sob a base de instruções fornecidas pela informação que ele dispõe" (MALDIDIER, 1990. p.287)

O sujeito aqui é considerado auto-suficiente, em si mesmo, podendo resolver individualmente as sentenças lingüísticas, o que se efetua, segundo Pêcheux, a partir de três hipóteses:

- 1) *"existe uma maquinaria lógica associada ao sujeito, e esta casa de máquina é a condição interna essencial do tratamento da informação;*
- 2) *existe uma separação constitutiva entre a maquinaria lógica necessária a este tratamento e as funções laterais e secundárias² adicionando interpretações a informação construída;*
- 3) *na produção, percepção e compreensão de seqüências orais e escritas, as línguas naturais são colocadas a trabalhar pelo sujeito epistêmico com um conjunto de ferramentas, permitindo manipular as marcas lingüísticas como traços de operações inscritas em uma ou outra metalinguagem lógica". (MALDIDIER, 1990. p.288)*

"As posições epistemológicas implicadas por essa problemática, colocam em jogo uma série de hipóteses alternativas, intrinsecamente ligadas à análise do discurso, e que dizem respeito, especificamente, às discursividades do segundo tipo". Nós podemos resumir estas hipóteses alternativas pelos três pontos seguintes, afirma Pêcheux:

- 1) *"a condição essencial da produção e da interpretação de uma seqüência não é inscrita na esfera individual do sujeito psicológico: ela reside na existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos, constituindo o espaço de memória da seqüência. O termo interdiscurso³ caracteriza este corpo de traços como materialidade discursiva, exterior e anterior à existência de*

² Esta posição que se junta, representa o lugar em que a posição cognitiva reconhece ao inconsciente (considerada como não consciente, não lógica), a ideológica e em definitivo a história.

³ Cf. M. Pêcheux, *Les Vérités de La Palice*, et P. Henry, *Le Mauvais Outil*.

uma seqüência dada, na medida que esta materialidade intervêm para a constituir. O não-dito da seqüência, portanto, não se reconstrói sob a base de operações lógicas internas, ele re-envia aqui ao já dito, do dito em outros lugares. Assim, a noção discursiva do pré-construído, deve ser distinguida da noção lógica da pressuposição, da mesma forma que a noção discursiva de discurso transversal se distingue da noção lógica de implicação;

2) é impossível, na análise lingüística-discursiva de uma seqüência, dissociar-se completamente as <<instruções>> que permitem a construção desta significação e o processo de interpretação de sentidos (sócio-históricos) associados a esta seqüência;

3) nos espaços discursivos do segundo tipo, a língua natural não é uma ferramenta lógica mais ou menos falha, mas o espaço privilegiado de uma inscrição de traços linguageiros discursivos, formando uma memória sócio-histórica. É este corpo de traços que a análise do discurso tem como objeto. Pelo aspecto <<técnico>> da construção de corpos heterogêneos e extratificados, em reconfiguração permanente, co-extensiva à sua leitura".(MALDIDIER, 1990. p.289)

É preciso, então, tematizar a interação entre os diferentes níveis: o sintático, o léxico, o enunciativo e o discursivo dessa leitura. A questão é, então, aquela da análise lingüística-discursiva de uma seqüência em referência a um corpo interdiscursivo de traços sócio-históricos. Ou seja, como dar contas da “memória”, que desempenha um papel fundamental nesta análise.

Assim, ao analisar materiais, tanto orais quanto escritos, Pêcheux destaca a necessidade de se estudar os efeitos interdiscursivos, os ditos em outros lugares, que podem interferir na estruturação de uma seqüência.

Segundo o autor, os problemas em relação a tais seqüências têm dois níveis. O primeiro, relacionado ao fato de serem, essas, o resultado de uma extração, a partir de um corpus sócio-histórico, num estado de configuração dada; o segundo, relacionado às relações intra e extra-frásicas. O ponto crítico, diz Pêcheux, está na recusa explícita de intervir na análise lingüística da

seqüência, fazendo, aí, referência a um corpus interdiscursivo, sob a alegação de se perder o critério distintivo do que se pode se apresentar legitimamente como uma análise lingüística.

Ao desenvolver a reflexão a partir de um exemplo de O. Ducrot, Pêcheux questiona a noção de “autônoma” da expressão SDA (Seqüência Discursiva Autônoma), argumentando que ela "conduz a comparar falsamente as discursividades de segundo tipo para um espaço ideal das do primeiro tipo, com os atributos estratégicos do sujeito cognitivo que aí se encontram associados" (MALDIDIER, 1990, p.292)

Com a SDA, têm-se a falsa impressão de similaridade dos dois universos, os estabilizados logicamente, e os não estabilizados. A falsa impressão vem do fato de que uma SDA não consegue carregar a memória sócio-histórica.

É sem dúvida interessante observar o fato de que, ao mesmo tempo que análises de SDA são refutadas pela alternativa de pesquisa proposta por Pêcheux, suas justificativas estão apoiadas em Foucault e Bakhtin. Em relação à obra do primeiro, ele se vale da noção de “monumento” em substituição à noção de “documento” como elemento constitutivo da história; em relação à obra do segundo, ele se vale da noção de “traços sócio-históricos” na formação da memória, que para Bakhtin, é a memória coletiva.

Isso permite, talvez, a afirmação de que ao afastar-se da proposta de uma Análise Automática do Discurso, Pêcheux distancia-se, na mesma medida, da lingüística, ao mesmo tempo que se aproxima da filosofia e de uma teoria materialista.

Referência Bibliográfica:

In: MALDIDIER, Denise. L'inquiétude du discours. Éditions des Cendres. 1990.